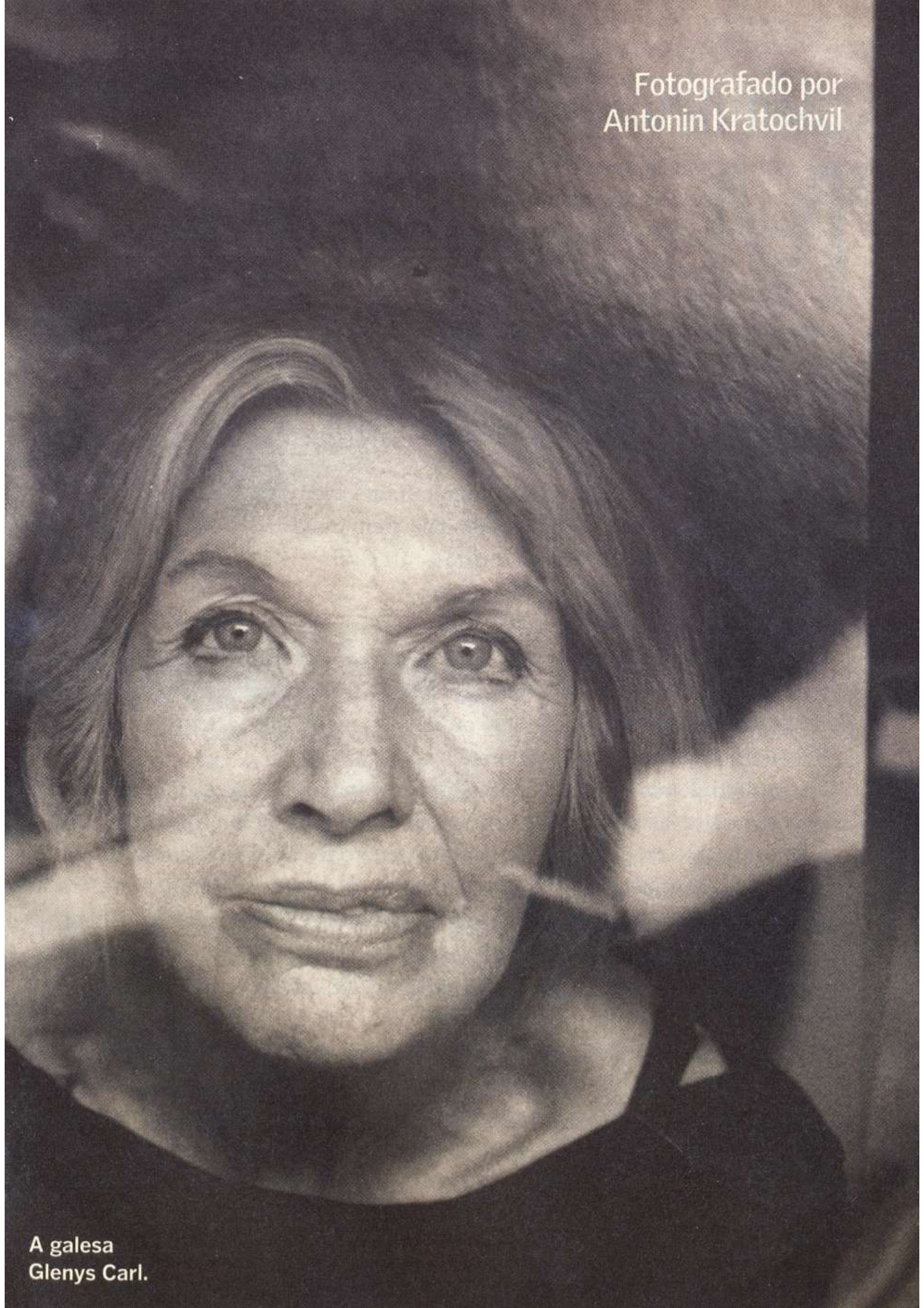


LIVRO DO MÊS

“Quero meu filho de volta”

Muitas mães se sacrificariam por seus filhos. Uma, porém, lutaria contra o mundo inteiro para trazê-lo de volta à vida.

POR GLENYS CARL



Fotografado por
Antonin Kratochvíl

A galesa
Glenys Carl.

'Seu filho está em coma'

"MÃE, ADIVINHE SÓ! Vou jogar no time galês de rúgbi em Sydney." Meu filho mais jovem, Scott, 21 anos, ligou para Stuttgart, na Alemanha (onde eu morava havia seis meses), para me contar as novidades. Ele estava empolgadíssimo e cheio de histórias sobre a vida na Austrália. A praia, o sol, a sensação de liberdade. Ligou novamente depois de seu primeiro jogo.

- Foi ótimo. Depois do jogo, o time cantou. Vou cantar *pra* você um dia. - Estas foram suas últimas palavras: - Eu te amo. Você já ouviu essa música?
- Sim, querido. Costumava cantar para você em galês, quando era bebê.

MENOS DE UMA SEMANA depois, o som irritante e estridente do telefone interrompe meu sonho. À uma da manhã. Quem poderia ligar a essa hora?

- A senhora tem um filho chamado Scott Carl?

A pergunta me atingiu como um soco.

- Sim - murmurei.

- Sou do Departamento de Polícia de Sydney. Seu filho foi encontrado inconsciente, em estado de coma. Talvez não sobreviva além desta noite.

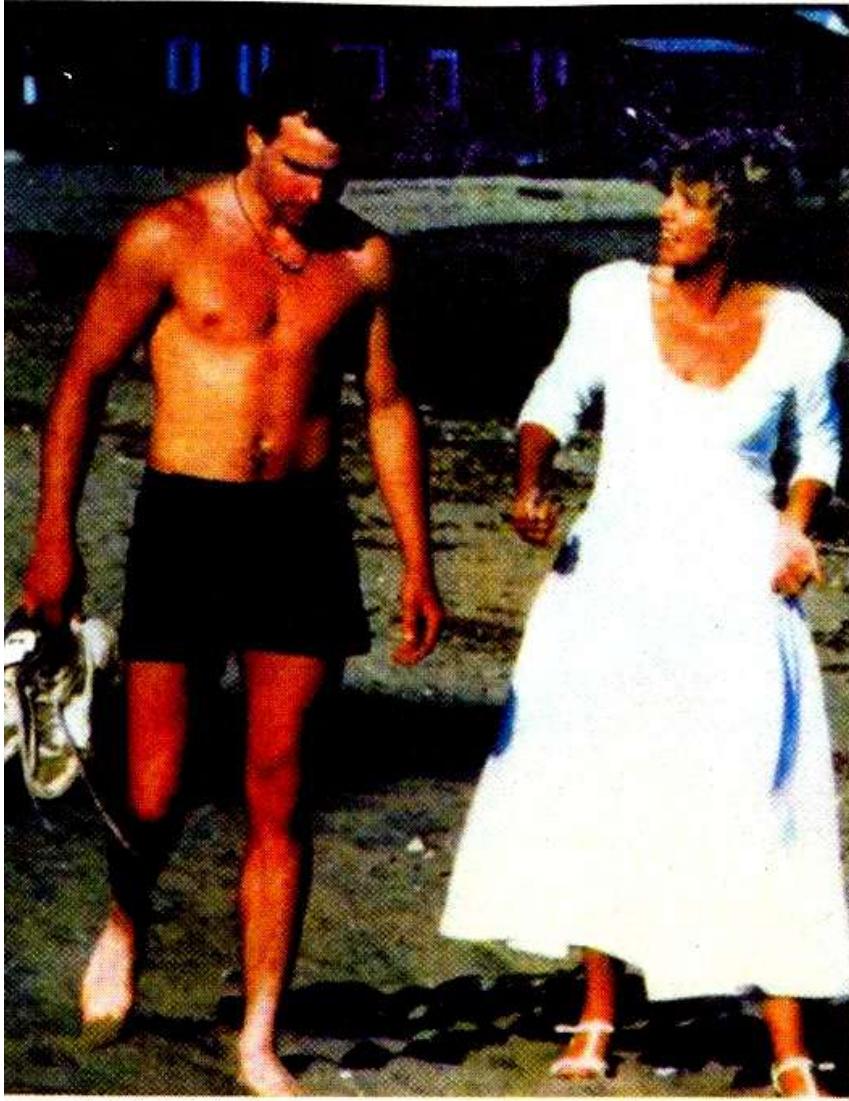
- Chegarei aí o mais rápido que puder. Por favor, diga a Scott que estou chegando. Diga a ele para agüentar.

Meu filho do meio, Jonathan, me liga da Dinamarca alguns minutos depois, já tendo falado com Sammy, meu filho mais velho, que vive nos Estados Unidos. Os australianos ligaram para todos que puderam localizar. Digo a Jon para não ir comigo, principalmente por estar estudando para provas importantes; avaliarei a situação. Garanto a ele que Scott ficará bem.

Meu bebê. Meu Scotty, nascido na Grã-Bretanha, transformado em um homem cheio de vida nos Estados Unidos, perto da morte na Austrália.

ESTOU COMO UMA SENTINELA solitária à beira do leito de Scott. Ele tem um olho roxo e sua cabeça está envolta em ataduras. Jaz inerte, o peito subindo e descendo em movimentos ondulantes enquanto o aparelho respira por ele. Eu jamais vira tantos tubos e fios presos a um corpo; máquinas brilham e estalam, assobiam e bombeiam. Seguro sua mão fria e sem energia; por certo Scotty deve sentir minha presença.

Minha mente voa para o tempo em que ele era pequeno e entrelaçava



Scott e Glenys na praia. A última fotografia tirada antes de Scott ir morar na Austrália.

TODAS AS FOTOS DA FAMÍLIA: CORTESIA DE GLENYS CARL

seus dedinhos nos meus, em busca de segurança. “Mãe, segura minha mão”, dizia com uma voz baixinha, voltando os olhos castanho-claros para os meus.

O Dr. Croches*, do centro de tratamento intensivo do Hospital St. Vincent, fala comigo com um tom confortador: “Uma coisa que Scott tem a seu favor é a juventude. Se ele não fosse um atleta, seu coração já teria parado há muito tempo.”

A polícia me disse que Scott caiu, ou foi empurrado, dois andares em direção ao porão durante a noite e só foi encontrado na manhã seguinte. Devido a essa demora, seu cérebro inchou – ele teve um hematoma subdural. Também fraturou a clavícula esquerda, que não fora engessada porque acharam que ele fosse morrer. Agora era

tarde demais. Seria muito arriscado operá-lo nessas condições.

Eu o emalo e canto as velhas cantigas galesas que ele adorava quando criança. Leio, ponho para ele ouvir sua música favorita, converso com ele... Seguro suas mãos e rezo. Sem lugar para ir e com pouco dinheiro, durmo no quarto de Scott, aos pés de sua cama ou numa cadeira, na sala de espera.

Os dias se arrastam e Scott continua seu lento declínio. O remédio administrado para impedir convulsões compromete seu fígado. Os rins contraíram uma infecção, e agora lhe administram antibióticos que causam reações alérgicas. Às vezes, ele fica tão perto da morte que tudo o que posso fazer é deitar-me com ele e compartilhar seu sofrimento. Murmuro: “Tudo bem se você desistir.” Mas também digo: “Se escolher viver, farei tudo ao

* Nomes trocados para garantir a privacidade.

meu alcance para curá-lo.” Como se me escutasse, ele volta a se esforçar.

Sammy chega subitamente dos Estados Unidos. Ele só pode ficar por uma semana e, quando vai embora, caio ainda mais em tristeza e solidão.

Scott contrai septicemia. O Dr. Croches me chama ao lado e afirma:

– A infecção está matando Scott. Precisamos de sua permissão para retirar os tubos e parar com a medicação.

Passaram-se seis semanas desde o acidente.

– O irmão dele, Jonathan, está chegando da Dinamarca – suplico, sabendo que Jonathan já estaria no fim de suas provas. – Por favor, mantenha Scott vivo um pouco mais.

PASSAM-SE HORAS. Talvez dias. Ou foram apenas minutos? O Dr. Croches me entrega os documentos que concedem a permissão para doar os órgãos de Scott e eu assino. Os médicos e os enfermeiros estão reunidos em volta da cama. Ouço-me dizendo, sem parar: “Não, não, não...”

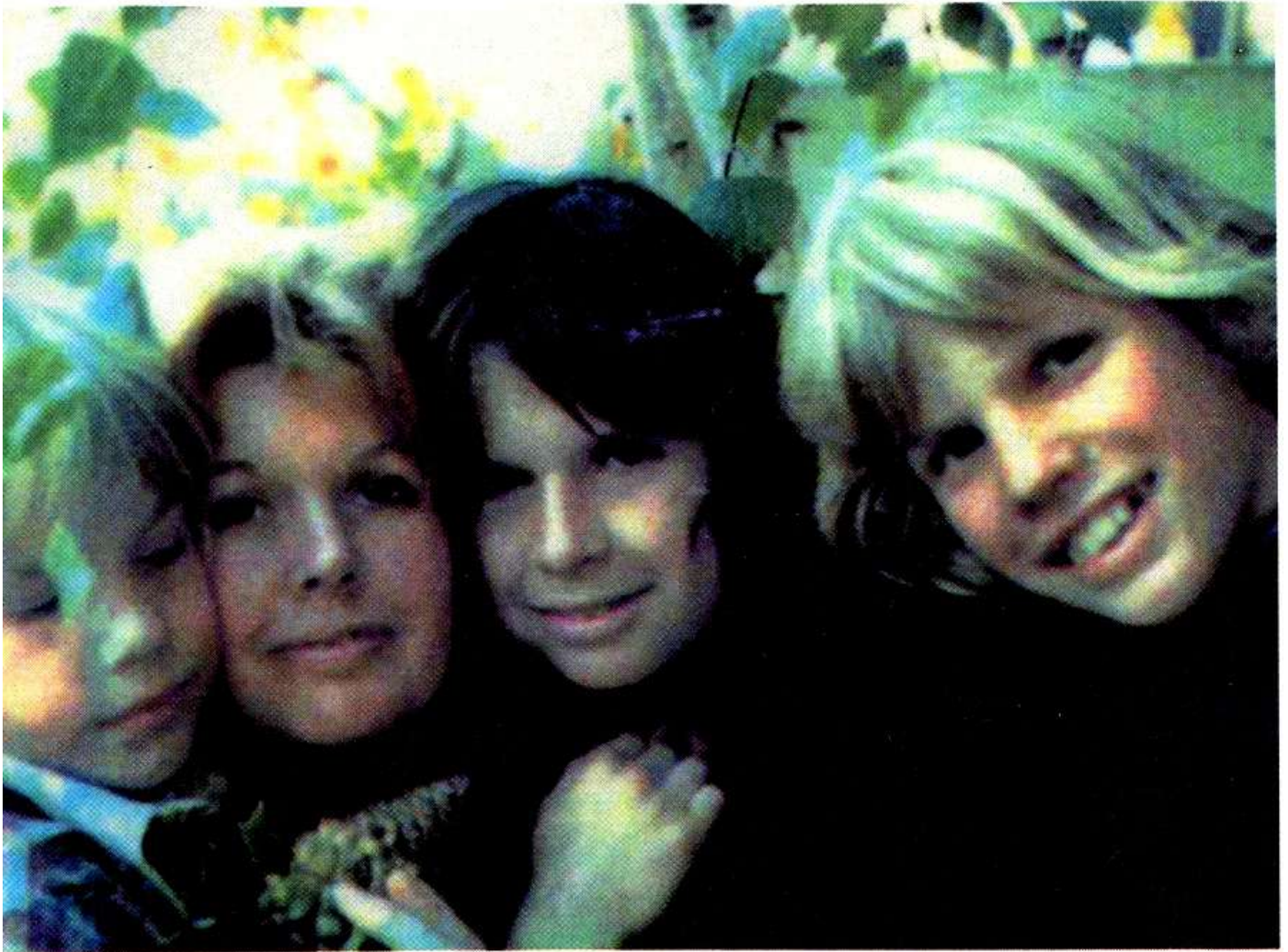
– Mãe?

Volto-me. Jonathan está parado na entrada do quarto. Joga os braços em volta de mim em um abraço apertado, depois se aproxima da cama em que Scott, angelical, dorme em sono profundo. Sem tubos. Jonathan murmura algo no ouvido do irmão. Depois dá um longo e baixo assobio, o mesmo assobio que ele e Scott davam quando crianças, o assobio que significava: “Pode sair agora. A barra está limpa.”

Inexplicavelmente, em questão de minutos, os sinais vitais de Scott melhoram. A cor volta ao rosto. Os médicos que estavam reunidos em volta dele ficam mudos. A palavra “milagre” é sussurrada. Ele respira por conta própria. Duas semanas depois, acorda lentamente. E outra batalha começa.

A dura realidade

SE A HISTÓRIA de Scott fosse contada num filme de Hollywood, ele acordaria com um bocejo e um sorriso preguiçoso, e tudo voltaria ao normal. Mas os filmes não mostram como é de fato acordar de um coma profundo após meses de total imobilidade por causa de uma lesão na cabeça. Os músculos se atrofiam e perdem massa. Tendões e ligamentos se contraem, fazendo os joelhos vergarem e os braços se deformarem. Até o menor movimento pode representar um excesso de



Glenys com os filhos quando eram pequenos. A partir da esquerda: Scott, Glenys, Jon e Samuel.

esforço e levar a um rápido esgotamento. Faltando estímulo, o cérebro fica a tal ponto paralisado, que mesmo um simples pensamento exige esforço

enorme. Às vezes, parte da memória é apagada. O paciente precisa aprender tudo de novo: engolir, enviar as mensagens certas para os músculos, falar...

Trabalho com Scott, ensinando-o a franzir os lábios, a modelar sons, a usar a língua. Suas respostas progridem, de grunhidos a uma fala ininteligível, e temos conversas entrecortadas. Sua personalidade reaparece. O mal-humorado psicólogo da equipe chega para avaliar a competência mental de Scott e pergunta se ele sabe onde está. "No Hotel Ritz", responde Scott, arrastadamente, com um sorriso torto, meio paralisado, o que significa que ele fez uma piada. Esqueci de dizer a ele o nome do hospital em que está! O psicólogo fecha a cara, mas eu acho engraçado.

Scott por fim consegue uma vaga num hospital de reabilitação, uma instituição carente de recursos, com horário de visita rígido. Horrorizada com o pouco estímulo dado aos pacientes, resolvo tomar conta dele sozinha.

POR UMA FELIZ COINCIDÊNCIA, uma das enfermeiras do Hospital St. Vincent me avisa de um apartamento que vai desocupar em Five Ways, área boêmia de Sydney. É pequeno, com mobiliário suficiente, no térreo, e tem um jardim.

No banco de trás do táxi, luto para sustentar o peso de Scott e mantê-lo ereto. Seu corpo rígido escorrega para o chão. Com um esforço enorme, puxo-o para cima. Em determinado momento, quando o táxi faz

uma curva fechada, ele cai sobre mim. Enquanto luto para me desvencilhar de seu peso esmagador, nossos olhos se cruzam. “Precisamos parar de nos encontrar assim”, ele brinca. Pelo retrovisor, o motorista, um jovem de rabo-de-cavalo e camisa havaiana, nos olha com curiosidade.

“Como vai levá-lo até o apartamento?”, pergunta. Uma questão pertinente, pois o hospital não me deixou trazer a cadeira de rodas de Scott.

A necessidade me faz corajosa. Abordo três transeuntes. E, com o motorista, são quatro. Conseguimos tirar o enrijecido corpo de Scott do táxi, passá-lo pela porta de entrada e deitá-lo no sofá. Eu lhes agradeço efusivamente e eles vão embora, me deixando só com minha nova realidade.

Tenho 1,58 metro de altura e peso cerca de 45 quilos. O corpo que meses antes jogava rúgbi agora está curvado e inclinado para o lado. Como vou conseguir levar Scott para a cama? E ao banheiro? Jonathan ainda está em Sydney, mas ele e a mulher estão a cerca de 30 quilômetros de distância e seus vistos vão vencer em breve. Vou precisar de ajuda – muita ajuda.

Arrancando folhas de um grande bloco, faço folhetos: “Preciso de ajuda para um filho inválido. Por favor, se você puder ficar aqui pelo menos uma hora por mês, apareça”, e escrevo o endereço. Saio apressadamente do apartamento e os distribuo aos pedestres.



Scott usa sua única mão funcional para jogar xadrez com voluntários.

À noite, alguém bate à porta. São duas mulheres e um homem. Uma delas, em seus 50 anos, está segurando meu folheto. "Trouxe meu marido", diz, apontando com a cabeça o homem ao seu lado. "E trouxemos um pouco de comida. O que podemos fazer para ajudar?" Scott e eu somos desconhecidos, mas essas pessoas se importam conosco.

No dia seguinte, meus três voluntários voltam e faço mais folhetos para eles distribuírem. Depois de saírem, abro a porta para o motorista de táxi de rabo-de-cavalo, com a mesma camisa havaiana. Seu nome é Tim. "Fiquei pensando", diz com um sorriso, "que talvez a gente pudesse arranjar uma cadeira de rodas." Depois que os voluntários retornam, Tim me leva ao hospital de reabilitação, onde pega "emprestada" uma cadeira de rodas.

Naquela tarde, dois outros voluntários batem à minha porta. Os folhetos estão funcionando. No fim do mês, temos mais de cem. Ensino a eles como pegar uma perna, como empurrar um braço, como encontrar e esticar tendões e ligamentos, como apoiar a clavícula quebrada de Scott. Alguns passam uma hora massageando seus músculos, outros se oferecem para lavar pilhas de roupa suja ou fazer alguns serviços de rua. Dia e noite nosso pequeno apartamento se enche de pessoas, música e risos. Quando os voluntários percebem minha difícil situação financeira, alugam uma banca no mercado de pulgas. Os vizinhos esvaziam seus armários e garagens, e o dinheiro arrecadado paga nossas despesas.

Janet, uma jovem ginasta da Inglaterra, faz uma visita. Ela é alta e atlética, com um sorriso largo, e trata meu filho como se ele não fosse inválido. Eu dou uma olhada um dia e a vejo ao lado de Scott, rindo sobre algo, e penso em todas as mulheres jovens e atraentes (e as não tão jovens) que vejo Scott abraçando e compartilhando uma risada. Mesmo nessas condições, ele tem um certo carisma que atrai as mulheres.

Sem esforço não há progresso

A

TERAPIA É IMPLACÁVEL: seis horas por dia. Às vezes, ele me chama de "versão feminina de Hitler", mandando que me abaixe e faça flexões. "Mais uma só", me imita, "você sabe que faz bem."

Mas ele nunca transfere para ninguém qualquer sentimento de raiva, agressividade ou frustração. Se uma pessoa mais velha estiver trabalhando com ele e ele sentir muita dor, Scott às vezes pega as mãos

da pessoa e as beija como forma de dizer que está tudo bem.

Cerca de seis meses se passam e estamos conseguindo resultados: Scott agora é capaz de sentar-se ereto na cadeira de rodas, controlar o movimento das pernas e andar de joelhos. Suas costas estão mais eretas, embora o ombro esquerdo, que não foi tratado, ainda esteja torto. Seu braço e sua mão do lado direito estão bem fortes, e às vezes ele consegue se movimentar sozinho. Está desenhando e pintando, com períodos cada vez mais longos de concentração. Sua fala melhorou significativamente.

Estou feliz com minha vida, enriquecida por novos amigos, muito riso e música. Mas chega uma carta do Departamento de Imigração lembrando que meu visto de turista venceu. Vou a uma entrevista. Eles me concedem um visto temporário, desde que eu arrume um hospital de reabilitação na Inglaterra ou nos Estados Unidos para onde levar Scott. Mas precisarão de um documento escrito, com uma carta de aceitação deles para o liberarem. As autoridades são inflexíveis: se não conseguir encontrar um hospital, colocarão meu filho num abrigo e terei de deixar o país.

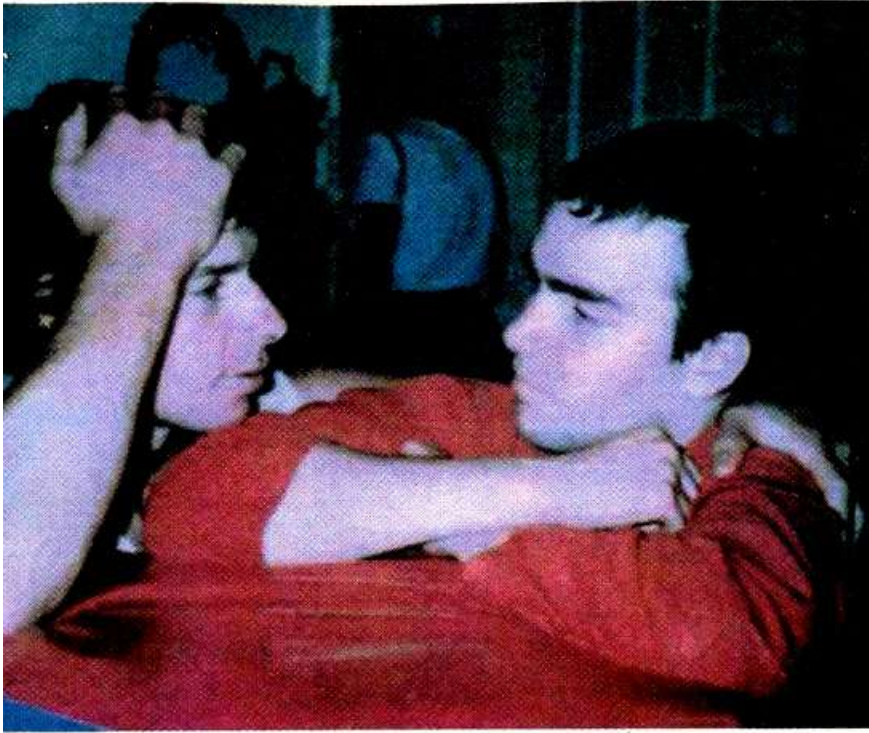
TEM DE SER NA INGLATERRA, uma vez que Scott nasceu lá e tem direito a ser tratado pelo Serviço Nacional de Saúde. Amigos compram uma passagem para mim, e Jonathan me encontra no Aeroporto de Heathrow. Ele descobriu o mais renomado centro de reabilitação neurológica em Wimbledon e pede que eu procure o Dr. Rhys*. “Vamos”, digo.

A recepcionista me informa que não posso vê-lo sem marcar uma consulta e que preciso entrar na lista de espera que é de três meses (a espera por uma vaga nesse estabelecimento de 28 leitos é de um a três anos). Minha mente acelera. E agora? Tentar outro hospital? O telefone toca e a recepcionista se afasta, falando mais alto do que o necessário. “O Dr. Rhys está em uma consulta agora, mas vai sair para almoçar ao meio-dia e meia.”

Olho o relógio: 12h10. Agarrando a mão de Jonathan, puxo-o pelo salão e logo descubro o número do consultório do Dr. Rhys. Estamos do lado de fora de sua porta. Logo ela se abre e sai um paciente. Antes que a porta se feche, entro. Um homem surpreso, de jaleco branco, com cerca de 50 anos, cabelos grisalhos, mexe em um arquivo.

- Como conseguiu entrar aqui?

Espantada por seu forte sotaque galês, eu decido, numa fração de segundos, arriscar. Em um galês enferrujado, consigo falar:



O irmão, Jonathan, ajuda Scott em sua reabilitação – uma das fotos preferidas de Glenys.

– Dr. Rhys, minha família é de Haverford West e cresci em Cardiff. Acabo de chegar da Austrália, onde estava cuidando de meu filho, que tem uma lesão cerebral. Preciso desesperadamente de uma carta sua.

Faço uma pausa. Suas sobrancelhas se franzem, o Dr. Rhys me olha por alguns instantes, depois sacode a cabeça e irrompe numa risada.

– Haverford West, é? Cresci lá perto. Agora, o que disse sobre uma carta?

DESPEDIMO-NOS DE SYDNEY. Tranco pela última vez a porta de nosso apartamento, agora vazio de tudo, menos dos espíritos das centenas de voluntários que emprestaram sua energia, seu entusiasmo e sua compaixão para ajudar meu filho na luta para levar uma vida plena e intensa. O destino me trouxe à Austrália e o destino me impele para o desconhecido, em direção à Inglaterra, um país que não vejo há 20 anos. Vamos ter de recomeçar.

Fazendo progressos

DE NOSSO HOTEL em Wimbledon, telefono para o Dr. Rhys.
– É Glenys Carl. O senhor me deu uma carta sobre meu filho Scott. Lembra?

– Como poderia esquecer a mulher que me persuadiu a fazer mais por ela em dez minutos do que a maioria das pessoas consegue em um ano? E que destrói o nosso lindo idioma galês?

Ele concorda em receber Scott naquela tarde e começar o programa de reabilitação, desde que eu o leve para casa nos fins de semana. Com uma sorte incrível, já encontrei uma casa perfeita, com um aluguel baratíssimo,

em uma rua sem saída, perto de um campo de golfe, a cerca de 3 quilômetros do hospital.

Sinto que Scott está apreensivo. Ele não reclama, nunca o faz, mas sente muita falta dos amigos e sabe que, quando a reabilitação começar, a dor vai aumentar essa saudade. Mas toda a equipe é competente e delicada, recebendo-nos com sorrisos abertos e amistosos. O Dr. Rhys vem conhecer Scott.

- Bem, Scott, sua mãe me disse que você é um fantástico jogador de rúgbi. Eu mesmo já joguei, alguns anos atrás.

Os olhos de Scott brilham e sua boca franze naquele meio-sorriso.

- Não jogo há algum tempo - responde em sua fala lenta e arrastada. - Quando estiver melhor, desafiarei o senhor para uma partida.

NO PRIMEIRO FIM DE SEMANA de Scott em casa, percebo que avaliei muitíssimo mal o impacto de alguns dias sem ajuda. Só para dar banho e vesti-lo, levo mais de uma hora, como levo em qualquer tarefa a ele relacionada. Mas o que começa como uma tarefa acaba virando uma piada, geralmente engraçadíssima, quando Scott comenta sobre meu desempenho e me dá notas de um a dez.

Desde o início em Wimbledon, amigos e voluntários tornaram-se parte da nossa rotina. O Sr. e Sra. Potts, nossos vizinhos idosos ao lado, nos emprestaram a mobília e a roupa de cama, que seu jovem amigo Harold ajudou a trazer. Luther, um gentil motorista de táxi, tornou-se um avô substituto, geralmente chegando sem avisar para ficar com Scott, enquanto eu saía para resolver algumas coisas.

Quando fico desesperada pela falta de um ou dois pares de mãos extras,



Scott com bolas projetadas para exercitar o tônus muscular.

vou para a rua recrutar jogadores de golfe que estão passando, até que sou interpelada por um policial que suspeita de que estou me oferecendo sexualmente aos homens. Ele não acredita em minha história, então o convido a ver com os próprios olhos. O policial Riggs tornou-se nosso amigo e juntou-se ao grupo cada vez maior – os jogadores de golfe geralmente voltam, trazendo mais amigos.

Abro a porta uma tarde e encontro um homem alto, bonito, impecavelmente vestido. Ele é um importante advogado de um banco americano e leu sobre nós no jornal local. "Eu geralmente não faço esse tipo de coisa, mas gostaria de ser um dos voluntários de Scott. Viajo muito, mas virei toda vez que puder." Howard Pinter é atencioso e generoso, instilando em Scott não apenas confiança, mas também altas expectativas.

Sempre que Howard entra pela porta, Scott solta um "viva" e estende seu braço funcional para abraçá-lo, como se ele fosse o pai há muito tempo perdido. Howard adora esses abraços "de um braço só" e me diz em confiança que, além de sua namorada, dos pais e de um irmão gêmeo, ele nunca aprendera a amar plenamente outro ser humano até encontrar Scott.

GRAÇAS AO TRATAMENTO que recebe no hospital, Scott consegue ficar de pé, com ambas as pernas retas e os pés plantados no chão. Com grande esforço, sustentado por dois terapeutas, ele é capaz de andar, alternando as duas pernas.

Agora que seu braço e mão do lado esquerdo estão fortes o bastante, ele consegue cada vez mais suportar o próprio peso, enquanto caminha apoiado nas barras paralelas.

Mas ele tem contratemplos nos meses seguintes: uma convulsão inexplicável, seguida de outro coma curto e de outra crise de septicemia. Cada uma das vezes, ele se recupera, e o Dr. Rhys quebra as regras para estender seu tratamento uma e depois duas vezes. "Esse menino não desiste nunca. Ele é um lutador, merece outra chance."

Mas, quando Scott vem para casa no Natal, depois de oito meses de reabilitação, sabemos que é para sempre: no novo ano, seu lugar no hospital será destinado a outro paciente.

"Fizemos tudo o que podíamos", diz o Dr. Rhys. "O resto depende de você e de Scott, claro. Mas ele está em ótimas mãos."

Um presente especial

NA FESTA do dia de Natal, Scott, em sua cadeira de rodas enfeitada com papel crepom vermelho e verde, recebe todos à porta. Ele põe uma máscara de Papai Noel sorridente e emite “rô-rô-rôs” entrecortados, enquanto distribuímos os pequenos enfeites de Natal, que fizemos com gravetos envoltos em cristais de vidro brilhante.

À noite, tendo falado com Sammy e Jon por horas ao telefone, Scott e eu nos deitamos sozinhos no chão em frente à lareira. Ele murmura seu presente para mim: uma mensagem de esperança, amor e gratidão e, enquanto as lágrimas enchem meus olhos, ele me dá um beijo. Meu presente levará um instante, digo a ele, levantando. Vou rapidamente à garagem e trago um coelho marrom-e-branco de orelhas caídas. Os olhos de Scott brilham de alegria, depois se afastam, enquanto ele viaja para um lugar remoto de sua memória.

Estou lá, também. De volta à nossa casa nos bosques da Califórnia, com gerânios vermelhos, velhos cães pastores, coelhinhos e um rato chamado *Root Beer*. De volta a um tempo em que a vida era simples, pura e cheia de viço, antes de talas nas pernas, dores e infecções.

– Acho que vou chamá-lo de *Thumper*.

Naquela noite, quando levanto para dar uma olhada em Scott, encontro *Thumper* enroscado como uma bola ao lado da cama, dormindo um sono pesado. Nos dias seguintes, quando Scott está em sua cadeira de rodas, *Thumper* corre e fica de pé nas patas traseiras, com uma pata apoiada na perna de Scott, que o põe no colo e o afaga carinhosamente.

O PROGRESSO DE Scott o levou além de minha capacidade de ajudá-lo. A melhora continuada precisará de tratamento mais sofisticado: exercícios aquáticos, aparelhos de musculação, barras paralelas, equipe especializada. Não posso arcar com um tratamento particular. O dinheiro da Austrália acabou meses atrás e estamos vivendo basicamente dos benefícios pagos pelo governo. Scott tem direito a uma pensão por invalidez e eu recebo uma pensão por cuidar dele, além de uma contribuição para o aluguel.

Posso levar Scott para caminhar, mesmo no inverno. Uma tarde, enquanto o empurrava pela vizinhança, fui abordada por dois jovens fortões.

- Podemos ajudá-la?

Nicholas e Justin foram da equipe olímpica inglesa de remo.

- Se quiserem ajudar mesmo - respondo -, preciso de vocês durante as noites. Não toda noite, mas de vez em quando. Vocês podem jantar conosco, se quiserem.

Não parei para pensar no apetite voraz que têm esses atletas gigantes! Eles vêm quase todas as noites de sexta-feira, normalmente com as namoradas. Outros voluntários souberam dos jantares olímpicos e aparecem para conhecer os rapazes. Conforme o círculo aumenta, alguns trazem pratos prontos e outros ajudam na cozinha. Comemos no chão da sala, de pernas cruzadas. No meio de tudo isso, saltita um *Thumper* totalmente crescido, fazendo todo mundo rir.

Enquanto nosso programa terapêutico doméstico progride, os voluntários continuam a nos achar, para minha surpresa, e todos eles têm corações enormes. Eu temia sermos repelidos pelos reservados londrinos, mas aqui é bem parecido com Sydney. Às vezes, famílias inteiras aparecem, e nunca faltam adoráveis admiradoras para Scott.

"O que aconteceu?"

NO OUTONO, Nicholas, Justin e suas namoradas se oferecem para passar uns dias conosco e tomar conta de Scott, a fim de me dar uma pequena folga. Fico hesitante, mas acabo cedendo. Confio em suas habilidades para dar conta do trabalho e, deixando inúmeros bilhetes e números de telefone, vôo no fim de outubro para visitar Jonathan, na Dinamarca, durante cinco dias maravilhosos.

Ao chegar em casa, percebo que estou pegando uma gripe e começo a me medicar e a Scott, com vitaminas e chás de ervas. Conforme a gripe vai-se instalando e desce da cabeça para o peito, me pergunto se devo passar a tomar antibióticos. Estou preocupada com Scott, mas pelo quarto dia ele ainda não apresenta quaisquer sintomas, e começo a relaxar.

Na manhã seguinte, me sinto muito melhor; felizmente, minha gripe não foi grave, e Scott escapou. Visto-me lentamente, desço e me debruço sobre meu filho para um beijo e um carinho. Ele está transpirando, seu pijama se encontra ensopado de suor e o rosto brilha de febre. Em pânico, telefono para o Dr. Rhys. "Leve-o ao Hospital St. George sem demora."

É pneumonia. Meu maior temor. Conforme o Dr. Rhys explica: “Ele está altamente suscetível. Você pode se levantar e caminhar, ajudando a drenar os pulmões, mas Scott...”

DEZ DIAS DEPOIS, novamente tendo vencido as dificuldades, ele se recupera, e o Dr. Rhys concorda que ele pode ir para casa. Tenho permissão para dar um banho em Scott no banheiro enorme da enfermaria na véspera de sua alta. É um luxo, relaxa seus músculos e lhe alivia as articulações. Ele bóia em seu pequeno paraíso, eu massajeio com xampu os anéis de seus espessos cabelos. Sua cabeça está pendendo para trás, os olhos fechados, e um sorriso sereno se revela. Sopro bolhas de sabão nele e ele ri.

Quando vai para a cama, leio para ele dormir, dou um beijo de boa-noite e saio do quarto na ponta dos pés. Na saída, pergunto ao médico de plantão se seria possível alimentar Scott durante a noite por meio de um tubo nasogástrico, pois ele perdeu peso e poderia aproveitar a alimentação extra.

Às 7 horas o telefone toca. “É a Sra. Carl?” Um arrepio me sobe o corpo. “Estou ligando sobre seu filho.”

O ROSTO DE SCOTT é uma tenebrosa máscara de dor. Cada arfada de respiração é acompanhada por sons ásperos horríveis de um homem se afogando. Ele não pode falar, mas aperta minha mão, enfiando as unhas na palma, num silencioso pedido de ajuda.

Fico petrificada.

– O que aconteceu? – minha mente grita ou é minha boca?

Uma mão pousa em meu ombro, é o Dr. Rhys que me afasta.

– Durante a noite houve um problema com o tubo nasogástrico. Em vez de ir para o estômago, o líquido seguiu para o pulmão. Quando foi descoberto, o dano já fora feito. – O rosto do Dr. Rhys está cinza; sua voz, trêmula. – Estamos fazendo tudo que podemos, mas, depois da pneumonia, só nos resta rezar.

Eu não compreendo. Na noite passada Scott estava pronto para ir para casa, pronto para viver de novo. Como isso pôde acontecer? Sinto-me tão pequena e impotente... Encontro um telefone e ligo para Jonathan, dizendo que venha logo e que avise a Sammy.

Volto correndo para o quarto de Scott. Ele está ofegante, com o rosto contraído de dor. O médico responsável está visivelmente preocupado.



Glenys ao lado do quadro inspirado em Scott, presente de um artista amigo.

- Sra. Carl, precisa entender... Se dermos a ele morfina suficiente para que possa respirar sem dor, provavelmente morrerá.

Não posso fazer isso, não a meu filho. Eu examino os rostos dos médicos. Eles olham para mim, aguardando uma decisão.

- Façam algo! - grito. - Qualquer coisa!

Scott é rapidamente levado para outro quarto e ligado a uma bomba de morfina. Logo seu corpo relaxa, sua respiração é menos trabalhosa e seu rosto aflito se suaviza, tornando-se angelical. Sento-me ao seu lado durante o dia todo, segurando-lhe a mão. Jonathan chega à noite e eu desmorono, jogando-me em seus braços fortes.

- Eu disse que dessem morfina a ele. Não pude evitar - explico, minha voz entrecortada por soluços.

- Fez o que era certo, mãe - Jon concorda.

Continuamos nossa vigília durante a noite, o dia e por mais uma noite, virando-o de lado cuidadosamente, amando-o tanto quanto podemos. Quase não falamos. Nossos corações estão pesados demais. Conforme a

notícia se espalha, muitas pessoas chegam para se despedir, embora Scott esteja agora inconsciente.

Após uma outra longa noite, mando Jonathan tomar um café-da-manhã. A coordenadora da doação de órgãos chega, pergunta como estou. São 8h15. De repente, sei que Scott está morrendo e digo a ela, decidida: “Rápido! Ache Jonathan e o traga de volta.”

Aninho-me na cama, passo os braços em torno de Scott e encosto meu rosto em sua cabeça. Dou um abraço apertado. Jonathan volta para se unir a nós. Eu murmuro no ouvido de Scott: “Vá para a luz, meu amor.” E ele vai.

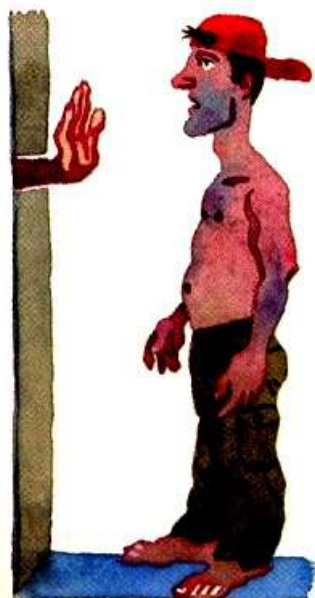
NO SEU ENTERRO, muitas pessoas disseram que fazer parte da vida de Scott mudou suas próprias vidas de algum modo. Howard lê: “Você nunca buscou piedade ou condescendência. Lutando até o fim, com seus abraços de um braço só, era mais do que eu poderia descrever. Você morreu como viveu, com um sorriso.”

E, Jonathan, no fim da cerimônia, diz: “Quem foi o curador e quem foi o curado? Como fomos ajudados, vamos continuar a ajudar o próximo.”

EM MINHA CASA, silenciosa e vazia, depois de meu primeiro sono verdadeiro, após o que parece ser séculos, acordo e encontro *Thumper*, de pé nas patas traseiras e com as dianteiras apoiadas nas cobertas, olhando para mim.

“Você deve estar se perguntando onde está Scott, não é?”, sussurro para ele. “Não precisa se preocupar, coelhinho, Scott está muito bem.”

REGRAS DE ETIQUETA



Fábricas são lugares naturalmente perigosos, como alerta esta placa numa empresa no Colorado: “Aviso para as jovens: se usarem roupas largas, cuidado com as máquinas. Se usarem roupas apertadas, cuidado com os operários.”

HEATHER RILEY, EUA

A loja de ferragens do meu bairro dita regras aos clientes antes mesmo de eles entrarem nela. Afixado à porta: “Uso de sapato obrigatório, porque você pode se machucar. Uso de camisa obrigatório, porque sua aparência não é tão boa quanto você pensa.”

STACY KRUMAKER, EUA